

Masculinidades em foco: A (des)construção da paternidade a partir de crônicas de Rogério Pereira

Gabriel Felipe Pautz Munsberg
Virgínea Novach Santos da Rocha

RESUMO: O presente artigo pretende analisar as representações contemporâneas da figura do pai em duas gerações de uma mesma família, por meio de teorias de masculinidades (CONNELL, 1997; KIMMEL, 1998) com o intuito de discutir as modificações sofridas na ideia de masculino/paterno a partir de determinado contextos e espaços sociais. Para tal, utilizaremos as crônicas de Rogério Pereira “Cachorros sempre voltam”, “Tegucigalpa” e “Meu craque”.

Palavras-chave: crônica; paternidade; masculinidades.

A crônica, com suas raízes no século XIX, em muitos sentidos transcende a si mesma já no século XXI. O gênero amplia suas perspectivas ao se afastar, por exemplo, da análise das relações sociais e colocar em foco o indivíduo e suas experiências frente ao mundo moderno. Nesse sentido, atualmente, em grande parte das crônicas brasileiras contemporâneas prevalece um eu individual contemplativo que reflete sobre seu cotidiano a partir de experiências pessoais, isto é, um sujeito próprio do momento cultural em que estamos inseridos.

Este movimento pode ser encontrado nas crônicas de Rogério Pereira, jornalista e escritor catarinense, editor fundador do Rascunho, jornal especializado à literatura, e diretor da Biblioteca Pública do Estado do Paraná. É ainda autor de *Na escuridão, amanhã* (2013), romance que narra o trajeto realizado por uma família de retirantes à cidade grande, focado principalmente nas figuras de dois irmãos e em suas descobertas, e na problematização de uma figura paterna severa e sombria.

Os temas familiares, principalmente em relação à figura paterna, são abordados também nas crônicas de Pereira, seguindo a tendência moderna da literatura que tira o foco temas sociais e da vida pública e se volta para a vida privada e, portanto, para a esfera familiar. Assim, o narrador apresentando por Pereira (o qual em muito parece compartilhar a biografia com o próprio autor) se coloca tanto no papel de filho, como um pai ao mesmo tempo ausente e severo, quanto no papel de pai, anos depois, mas nesse caso como uma figura presente e afetuosa. Essas são, portanto, as representações de duas gerações de uma mesma figura; o pai, em dois tempos e dois espaços distintos, as quais oporem-se mutuamente.

A paternidade, portanto, apresenta-se como uma das possibilidades de figuração social do papel do masculino, uma vez que esse papel de gênero é responsável pelas primeiras significações de poder na esfera micro da vida familiar, ou seja, “o gênero é um campo primeiro no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado” (SCOTT, 1995, p. 88). Assim sendo, “a masculinidade e feminilidade são metáforas de poder e de capacidade de ação” (VALE DE ALMEIDA, 1996, p. 161), os quais acabam por orientar uma série de valor e práticas sociais tanto para homens quanto para mulheres.

Será nesse sentido, que Benedito Medrado e Jorge Lyra (2008) sinalizam em seu artigo “Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidade” a necessidade de afastarmos-nos das noções essencialistas e normativas de gênero e, por conseguinte, de masculinidade, enquanto conceito, para que possamos

enfim compreende-os como fenômenos relacionais. Nesse sentido, os autores alertam ainda que “durante séculos, seja no espaço da intimidade, seja no espaço da expressão pública, essa associação entre gênero feminino e vida reprodutiva foi *naturalizada*: a maternidade e o amor à criança pequena seria da natureza dos instintos nas mulheres (MEDRADO E LYRA, 2008, p. 816; grifo nosso), isto é, o espaço familiar, em nossa sociedade patriarcal, é relegado à mulher, enquanto que, por outro lado, é quase negado ao homem, uma vez que este tem para si o espaço do público, uma vez que “as experiências reprodutivas e o cuidado para com os filhos são atividades relacionadas à produção e reprodução da existência humana e, portanto, de gênero feminino, sendo, além disso, desenvolvidas basicamente por mulheres” (MEDRADO E LYRA, 2008, p. 816). Assim, a partir da capacidade biológica que o corpo oferece (a gestação) naturaliza-se que o papel social do feminino é não apenas a reprodução da vida, mas sua manutenção e o seu cuidado.

Portanto, ao entendermos os gêneros como um sistema de relações compreendemos que um existe em oposição ao outro, ou seja, “el concepto [de gênero] es también inherentemente relacional. La masculinidad existe sólo en contraste con *la femineidad*. (CONNELL, 1997, p. 32), sendo assim, ao masculino resta a produção e administração das riquezas, o que torna a figura do pai distante do papel de cuidador, uma vez que o liga ao papel de provedor. É, portanto, a partir da divisão genereficada do trabalho, que surge em torno da estrutura social primária - a família - toda a construção simbólica das idealizada de masculino e feminino.

No entanto, como já sinalizado, não podemos entender essas categorias (o masculino e o feminino) como estanques e estáticas, mas sim variáveis a depender do contexto sócio histórico e espacial, pois

La masculinidad no es un objeto coherente acerca del cual se pueda producir una ciencia generalizadora. No obstante, podemos tener conocimiento coherente acerca de los temas surgidos en esos esfuerzos. Si ampliamos nuestro punto de vista, podemos ver la masculinidad, no como un objeto aislado, sino como un aspecto de una estructura mayor (CONNELL, 1997, p. 31).

Assim, ao compreendermos a masculinidade a partir de um ponto de vista mais amplo, estaremos situando essa reflexão no âmbito das discussões de gênero e, portanto, estaremos compreendendo-a em toda a sua complexidade frente às variáveis redes de poder, que em geral viam a mulher como força reprodutiva enquanto que o homem como força produtiva, isto é, a mulher como responsável pela vida familiar e o homem pela vida público, o que, por sua vez, implicava nas construções subjetivas de cada gênero. Dessa forma,

não podemos falar de masculinidade como se fosse uma essência constante e universal, mas sim como um conjunto de significados e comportamentos fluidos e em constante mudança. Neste sentido, devemos falar de masculinidades, reconhecendo as diferentes definições de hombridade que construímos. Ao usar o termo no plural, nós reconhecemos que masculinidade significa diferentes coisas para diferentes grupos de homens em diferentes momentos. (KIMMEL, 1998, p. 106).

Assim, ao desessencializar o gênero, nesse caso o masculino, podemos pensar em representações múltiplas desse papel que é em geral atrelado à virilidade e impessoalidade, uma vez que, como é evidenciado, ao observarmos a amplo espectro de

sujeitos masculinos em condição de paternidade, notamos que a norma imposta pelo gênero não faz sentido enquanto unidade, uma vez que as novas formas de paternidade são tão múltiplas que, por vezes, invertem o espectro da representação, apresentando homens sensíveis e afetivos.

Sendo assim, a partir desse pequeno levantamento teórico, pretendemos apresentar e discutir a representação da figura do pai em duas gerações de uma mesma família, sempre atreladas a ideia de masculinidades situados em diferentes contextos sócio-histórico-espaciais. Dessa forma, pretendemos aqui apontar que houveram mudanças no papel social reservado ao masculino além de refletir sobre como as conquistas das mulheres e o próprio feminismo se prestaram a romper com a barreira de uma masculinidade hegemônica (CONNELL, 1997), que limitava as demais identidades masculinas.

Pai e filho: 1ª geração

Calado, rude e violento são as três características que podem muito bem descrever o pai do narrador da crônica “Cachorros sempre voltam” (2015). Não fosse a violência e o alcoolismo, poderia ser comparado à figura do homem do interior, que não domina a palavra, mas que serve para o trabalho, como o próprio Fabiano de *Vidas Secas*. Este homem é um bêbado, que bate na mulher e nos filhos ao menor sinal de desordem (a ordem aleatória imposta por ele) e que parece estar sempre pronto a executar alguma violência sem qualquer lógica a não ser a de fazer valer o seu poder de patriarca.

Assim, na crônica “Cachorros sempre voltam” são encontrados dois relatos da infância do narrador, quando sua família vivia em estado de pobreza. O primeiro relato, que enfatiza a problemática da violência extrema do pai para com os filhos: “Era sempre igual: olhava-nos com ódio, balbuciava sílabas desconexas e abria a gaveta da pia. A faca saltava feito uma jiboia faminta” (PEREIRA, 2015, s.p), dando a entender que “o pai tentou nos matar algumas vezes” (PEREIRA, 2015, s.p.)

A descrição das vezes em que o pai de três crianças, incluso o narrador, tentava matar os filhos motivado pelo álcool é interrompida pelo surgimento de uma cadela, nomeada Princesa, no pátio da família, a qual cria certa relação de afetividade com as crianças: “Passamos a brincar todos os dias em volta de Princesa. Ela parecia gostar da nossa companhia. Nós também” (PEREIRA, 2015, s.p). No entanto, em determinado dia, o pai solicita a ajuda dos dois filhos meninos para se desfazer da cadela. Ao abandonar o animal, o narrador reflete sobre “por que o pai nos levava com ele? Talvez quisesse nos mostrar um destino possível. Talvez quisesse nos deixar lá também, ao lado da cadela que surgira em nosso terreiro” (PEREIRA, 2015, s.p).

A partir dos questionamentos do narrador podemos notar nessa crônica a representação de um pai que faz valer a sua lei, ou seja, um sujeito autoritário que se dirige aos filhos apenas no intuito de dar ordens, sendo o resto do tempo reservado ao seu silêncio. Essa representação é também apontada por Lia Zanotta Machado sobre a figura paterna em moldes de masculinidade hegemônica: “Um grande silêncio permanece sobre a paternidade enquanto sentimento na relação com os filhos. Este silêncio está inscrito na redução da paternidade ao valor do provimento e ao poder de controle que dele deriva” (MACHADO, 2004, p. 53), ou seja, o pai, nessa conjuntura, assume o papel de provedor distanciado de qualquer afetividade deixando para a mãe a criação dos filhos.

Uma paternidade crítica

O fortalecimento do movimento feminista, a partir dos anos 1970 e 1980, trouxe não apenas conquistas às mulheres, mas mais do que isso, questionou a estrutura de organização social e, principalmente, das relações de poder a partir dos gêneros. Essa atual reestruturação, no entanto, não conta com a inversão de papéis, mas sim com a ampliação das possibilidades de significação de gênero, ou seja, se outrora para as mulheres era reservado o espaço privado e as tarefas relativas à reprodução e ao cuidado, agora, tomam conta do público, exercendo importante papel no mercado de trabalho. Nesse novo cenário, portanto, o direito à escolha do papel que quer para si ou mesmo a soma de novas funções deu às mulheres a opção de assumir papéis antes permitidos apenas aos homens. Assim sendo, as mulheres, uma vez que adquirem independência financeira, não precisam assegurar suas vidas por meio do casamento e sua constante manutenção.

No entanto, qual o papel reservado, nessa nova conjuntura, ao homem? Se esse não tem mais o papel de provedor teria o de cuidador? Na verdade, não. O papel social do cuidar ainda é, em grande parte, principalmente em relação à criação dos filhos, reservados para a mãe. Porém, como já comentado, as possibilidades de significações para o masculino também são ampliadas. A sociedade contemporânea, em certa medida, parece estar preparada para acolher figuras como pais solteiros, pais que criam filhos sozinhos ou até mesmo pais gays sem que isso afete negativamente suas posições enquanto figuras masculinas.

Sendo assim, Mary Del Priore (2013) indica um "desmantelamento da imagem autoritária do pai" a partir dos anos 1970 ou 1980, exaltando três fenômenos como motivação: "as modificações nas formas de casamentos e nos tipos de família; mudanças no direito de família e dos filhos; e os rápidos progressos das ciências biomédicas" (DEL PRIORE, 2013, p. 182). Destaca-se também o papel que as mulheres e suas conquistas emergentes provocam nesta reconsideração no que tange à postura masculina no âmago da família e sociedade, uma vez que o ingresso das mulheres no mercado de trabalho gera uma nova formulação da estrutura familiar, a pensar desde a simples troca de tarefas domésticas e parentais até mesmo quanto à dependência econômica.

Essa nova dimensão na qual o homem deve assumir tarefas domésticas cria em muitos deles uma situação de revisionismo de todas as ideologias que dizem respeito ao machismo. É óbvio que muitos ainda não estão entendendo essa nova situação, vivem como se a mulher ainda devesse prestar-lhe todos os serviços e ainda lhe ajudasse na manutenção das despesas familiares. Carregam ainda em consciência as visões burguesas de família, cujo modelo o homem tem direitos, por manter a família (DALBÉRIO, 2007, p. 46)

Assim sendo, o discurso dos novos pais evidencia também uma inversão de valores dentro da estrutura familiar, colocando os filhos em primeiro lugar: "Hoje, no alto do triângulo encontram-se os filhos. Numa lateral encontram-se os pais e, na outra, o mediador entre pais e filhos: o Estado.¹ Os 'direitos' paternos foram substituídos por 'deveres'" (DEL PRIORE, 2013, p. 182).

Podemos estabelecer, a partir desta "nova ordem social", reciprocidades encontradas nos textos de Rogério Pereira, em aspectos tais como a ausência de uma mãe no conjunto de crônicas. Em "Do meio do mundo, o gol" (2014), é o pai que brinca com o filho, aninha-o em seu colo, dá a mamadeira e o coloca no berço, uma vez que

ambos estão “acostumados a dividir solidões” (PEREIRA, 2014a, s.p.) e que lhe busca na escola.ⁱⁱ O leitor não possui acesso a informações sobre a mãe dos filhos do narrador: estaria ela trabalhando? seria ela já falecida? seriam mães diferentes para cada filho? seriam os pais separados? as crianças foram adotadas? seria um casal de pais homossexuais? Não sabemos; o que sabemos é apenas que existe espaço nessa estrutura familiar para o pai ser essa figura afetuosa.

A insurgência do afeto para com os filhos é, talvez, um dos maiores catalisadores para as mudanças nas caracterizações paternas dos dias atuais. O estudo de Aguinaldo Gomes e Vera Resende, focado no desenvolvimento psico-afetivo de pais contemporâneos, destaca a disponibilidade desses pais em reconhecer seus sentimentos e confrontar as atitudes e modos machistas impostas pela sociedade:

Ambos os entrevistados identificaram a contradição que, embora os tenha feito entrar em conflito com seus sentimentos, teve, também, uma finalidade que lhes era útil no sentido de os estimular a resistir ao papel que sempre lhes foi culturalmente imposto. *Sentiram-se encorajados para recriá-lo e afastarem-se do modelo que os acompanhou desde a infância.* No lugar de filhos, reconheceram que, sem esforço próprio, não conseguiriam modificar a estrutura do relacionamento do homem com a família, e torná-lo mais favorável devido à atitude conformista dos envolvidos, que vivem e entendem esta dinâmica como dada pela natureza. (...) *Buscando compensar o afeto que lhes foi negado, construíram a imagem de pai ideal, na qual deveriam se transformar mais tarde: ao ocupar o lugar de pais, tentam assumir paternidade ligada mais ao afeto, à partilha e ao diálogo, seja com os filhos, seja com a esposa.* Entendem que ao se permitirem o reconhecimento da própria sensibilidade, transformaram-se em pessoas privilegiadas, com direito a atender necessidades da vivência paterna atual: é este o sentimento que impulsiona a mudança, daí adotarem atitudes que correspondem ao modelo que lhes parece ser ideal, que é a conquista de seu próprio espaço afetivo (GOMES E RESENDE, 2004, p. 124, grifos nossos).

Percebe-se, assim uma ruptura com o modelo de paternidade vivido na infância por estes pais na tentativa de reparar a própria infância e não reproduzir o comportamento frio e distante de seus pais (BADINTER, 1993). Ao recordar as atitudes da figura paterna, estes homens adultos rompem o “silêncio hereditários dos homens” e expressam os sentimentos de ódio, mágoa, raiva e tristezas que sentiam (CORNEAU, 1991), o que pode ser visto nos textos de Rogério Pereira que retomam a infância de seu narrador,ⁱⁱⁱ como também em “Tegucigalpa” (2014).

A crônica relata o encontro do pai com os dois filhos na saída escola e as conversas do trio durante o caminho até a casa. Entre novidades e curiosidades, o aprendizado também toma parte dos assuntos e um jogo sobre descobrir as capitais dos estados e países surge: “Há, entre ambos, a competição de quem acerta mais. Ou quem erra com mais graça. Quando não têm nem ideia, imploram uma pista” (PEREIRA, 2014c, s.p.). Sobre a capital da Costa Rica, o narrador então inventa a dica que ela homenagearia um dos avós deles, o seu pai: “Eles gritam José. A capital da Costa Rica é José, papai? Sim, filhos, mas com um estranho *San* na frente. San José, papai. E pulam no banco traseiro como se o mundo realmente coubesse em nosso carro” (PEREIRA, 2014c, s.p.). A partir deste momento, o narrador interrompe a história e se volta para sua infância:

O pai me ensinou quase nada. Lembro pouco dele por perto. Sempre pelas encostas da família: no trabalho, no boteco, na cama a roncar o cansaço e os tragos do dia. Víamo-nos pouco. Conversávamos nenhuma palavra. De tempos

em tempos, ele colocava uma cadeira nos fundos de casa e cortava o nosso cabelo. O corte bem rente para nos livrar por uns dias dos piolhos que nos infestavam a cabeça. Os fios ficavam algum tempo na superfície. Era a lembrança da presença do pai. Aos poucos, fundiam-se a terra. O pai logo desaparecia (PEREIRA, 2014c, s.p.).

Ao analisarmos as atividades que o narrador realiza com os filhos e as experiências com o próprio pai, notamos nitidamente a ausência paterna em sua estrutura familiar – não necessariamente física, mas no sentido emocional e psicológico, já que sua presença influenciou muito pouco em sua educação formal (“O pai me ensinou quase nada”), preponderada principalmente pelo alcoolismo e pelo seu silêncio.

Nesse sentido, Sócrates Nolasco (1997) evidencia a relação que existe entre o silêncio necessário para manutenção da figura de “homem de verdade” que um pai deveria ensinar ao seu filho. Assim,

A representação social do *homem de verdade* garante aos homens muitas dificuldades, entre as quais se destacam as restrições para estabelecer relações de intimidade. Isso porque ela não estimula nem promove a melhoria da comunicação emocional masculina. Pelo contrário, alimenta-se do silêncio ou da comunicação monossilábica do indivíduo consigo mesmo” (NOLASCO, 1997, 27).

A presença física do pai é limitada aos cortes de cabelo e por ela metaforizada, pois pouco se via o pai, assim como os fios de cabelo perdiam-se pela terra. O narrador segue relatando sobre as palmadas que sua irmã sofria da mãe, em contraste às gargalhadas dele e do irmão:

A mão grossa e pesada da mãe invariavelmente encontrava a nossa pele fina e delicada. A irmã apanhava todos os dias. Não lembro por quê. Mas ela sempre levava tapas volumosos, barulhentos. E chorava muito. Nós, eu e o irmão, fugíamos pelo terreiro às gargalhadas. Ela sempre apanhava. Mesmo sem motivo. Acho que a mãe descontava na filha todo o desgosto da vida (PEREIRA, 2014c, s.p.).

A violência sofrida pela irmã do narrador, propiciada pela mãe, pode ser lida como um indício da violência imposta pelo patriarcalismo, numa busca de defender a honra da família através da opressão de quaisquer desvios pelo feminino. A mãe, como sujeito dominado pela violência simbólica^{iv} do patriarca, aplica as mesmas regras de categorização do dominante, tornando-as naturais e gerando a depreciação da figura feminina: “O poder simbólico não pode se exercer sem a colaboração dos que lhe são subordinados e que só se subordinam a ele porque o constroem como poder” (BOURDIEU, 2002, 52). O narrador também relembra da morte prematura da irmã e das reações de seus pais: a mãe em desespero como se “chorasse todos os tapas que dera na filha, todas as surras represadas no corpo morto e frio” (PEREIRA, 2014c, s.p.), e o pai em silêncio pelos cantos da casa, sem cortar cabelos e sem conversar com ninguém.

Com o tempo, a distância do pai transformou-se em ódio. Agora, quando entro na metade final da vida, é apenas indiferença. A mãe morreu. O pai tem ainda alguns anos pela frente. Talvez um dia a indiferença se transforme em amor. Talvez, não (PEREIRA, 2014c, s.p.).

Percebe-se que a experiência da ausência de um pai próximo e afetuoso proporcionou a este narrador não apenas um exemplo a não ser seguido, mas também

criou uma anti-imagem a ser assumida por ele enquanto pai e, não menos notável, como sujeito homem. A distância temporal dos fatos permite ao narrador o exame atento da estrutura familiar quando criança, sobretudo uma crítica sobre a figura paterna e dos sentimentos desprendidos destas relações e fecundos na ressignificação do seu novo sujeito, refletido nos filhos. Ao permitir o reconhecimento de sua sensibilidade, aquela criança que sofria com as autoridades da estrutura familiar pode não conseguir reverter o sentimento em amor ao próprio pai, como expresso em “Tegucigalpa”, mas pode transformar-se em um pai privilegiado que, como em “Meu craque”, utiliza seu braço para aproximar-se do filho.

A decisão de se afastar do modelo estrutural de sua infância é apresentada como definitiva, pois o narrador não utiliza pronomes possessivos ao se referir ao pai, mãe, irmão ou irmã (a exceção surge apenas quando se refere ao pai como avô dos seus filhos, em “Tegucigalpa”, para diferenciá-lo do avô materno), como se quisesse desprender-se destes indivíduos até mesmo em sua origem. Em contrapartida, os filhos são sempre tratados de ponto de vista de afeição e posse (“meu craque”, “meu filho”, “minha filha”, etc.).

Compreende-se também que, estando expressa em uma linguagem mais próxima do leitor comum, a crônica pode atingir em sua simplicidade uma reflexão profunda acerca de funções cotidianas como vistas nos textos de Rogério Pereira: “Na verdade, aprende-se muito quando se diverte, e aqueles traços constitutivos da crônica são um veículo privilegiado para mostrar de modo persuasivo muita coisa que, divertindo, atrai, inspira e faz amadurecer a nossa visão das coisas” (CANDIDO, 1980, p. 11). As concepções tradicionais de paternidade, tais quais de uma masculinidade hegemônica ou “homem de verdade” (NOLASCO, 1997), têm seu rigor readquiridos e acabam encontrando possibilidades de transformação e pluralidade na contemporaneidade em que são revividas por sujeitos que pensam suas condições e almejam novas posições.

Pai e filho: 2ª geração

O filho que sofre os percalços de ser criado por um pai atrelado a ideia de masculinidade hegemônica (como forma de exemplo ao que o filho deveria ser para torna-se um homem bem-sucedido) no lugar do diálogo e a própria afetividade para com o filho torna-se pai. No entanto, não um pai nos modelos do seu (lembremo-nos aqui das conquistas do movimento feminista que amplia as possibilidades para as identidades de gênero tanto para o feminino - feminismos - quanto para o masculino - masculinos), mas um pai mais reflexivo e mais crítico em relação a sua relação com os filhos.

Dessa forma, em “Meu craque” (2014) é a vez do narrador constituir-se como pai ao observar seu filho de quatro anos “cada dia mais parecido comigo” (PEREIRA, 2014d, s.p) e lembrar de sua própria infância. Enquanto o filho joga futebol no ginásio da escola, coberto e confortável, o narrador permite-se recordar da preparação de seus jogos, ao cortar galhos de árvores para usá-los como traves no campinho de chão de terra seca. Sua mãe não se preocupava com a ausência do filho, pois sabia que ele estaria com um “time de indigentes” no campinho a se divertir. No entanto, voltando ao presente, o cenário futebolístico se repete, porém é a vez de seu próprio filho tornar-se jogador. Entretanto, diferentemente da distância que existia entre ele e o pai, hoje há apenas confiança quando seu filho tem a consciência de que o pai está nas arquibancadas do ginásio aprovando seus chutes desajeitados e sem força. Ao receber o gesto de aprovação do pai após seus chutes com pouca habilidade, o filho vê-se a ganhar confiança e passa a ter empatia com esse homem, o que também produz a construção de

sua identidade (CORNEAU, 1995). Ao final da partida, o pai entra em quadra para ajudar o filho com a mochila e retornar para casa, concluindo a narrativa em novo momento de cumplicidade entre os dois:

Caminhamos lado a lado em direção à saída do ginásio. Sua cabeça bate na minha cintura. Coloco a mão esquerda em seu ombro direito. Ele está feliz. Olha para cima. Eu estou aqui. Olho para baixo. Ele está ali. Somos dois meninos chutando uma bola de plástico num campinho de terra. (PEREIRA, 2014d, s.p.).

Cabe aqui um breve comentário sobre a importância do futebol, encontrado fartamente nos textos de Rogério Pereira e em demais literaturas contemporâneas.^v Pelo menos no contexto brasileiro, o futebol é o esporte mais popular entre os meninos, constantemente influenciado pelos pais e homens mais velhos de suas relações, e manifesta-se solenemente na vida destes “pequenos homens”, mesmo que isso só seja percebido anos adiante. O futebol, “coisa de homem”, cria um espaço para a afirmação do masculino, uma vez que este esporte exige virilidade e rigidez dos corpos atuantes e não poucas vezes possibilita até mesmo violência, inclusive entre meros espectadores. O sociólogo francês Daniel Welzer-Lang, especialista em identidade masculina, afirma que

aprender a jogar *hockey*, futebol ou *base-ball* é inicialmente uma maneira de dizer: eu quero ser como os outros rapazes. Eu quero ser um homem e portanto eu quero me distinguir do oposto (ser uma mulher). Eu quero me dissociar do mundo das mulheres e das crianças (WELZER-LANG, 2001, p. 463).

Porém, o narrador de Rogério Pereira não endossa o coro dos outros pais da arquibancada (“Alguns pais gritam, passam instruções. Desejam filhos craques, gênios prematuros. Sonham com o orgulho de gols que nunca fizeram. Acreditam na possibilidade do grito. Eu apenas observo”; PEREIRA, 2014d, s.p.) e entra na brincadeira das crianças que se divertem (“Quem faz gol sorri. Quem leva também sorri. Para eles, o futebol é tão importante quanto um picolé de uva numa tarde ensolarada de domingo”; PEREIRA, 2014d, s.p.). Portanto, o que se pode perceber é que a cumplicidade e a afetividade entre pai e filho é tanta que o futebol como esporte que serviria para assegurar a constituição de um caráter, no mínimo, agressivo e talvez até mesmo violento é visto como mera brincadeira de criança.

Conclusão

Podemos afirmar, ao final dessa reflexão, que o gênero não pode ser visto como essencialista ou normativo, uma vez que varia de contexto em contexto e, assim sendo, não parece ter algo intrínseco ao sujeito que o faça “feminino” ou “masculino” nos moldes normativos que conhecemos. Nesse sentido, a masculinidade não pode também ser normativa, sendo ensinado de geração em geração como o “certo” a se fazer ou sentir dependendo apenas de determinadas características biológicas; o gênero, como vimos durante esse trabalho e em vasta bibliografia moderno sobre o assunto, transcende a genitália. O gênero não pode ser autoritário.

Uma vez que consigamos nos livrar dessas noções que ainda muito assombram os Estudos de Gênero passamos a compreender tanto o feminino quanto o masculino como múltiplo e plural, assim sendo, no caso da masculinidade o hegemônico é destruído e dá espaço para a pluralidade de identidades. Assim, vive-se hoje, pode-se dizer, a geração de novas masculinidades (sem que nenhuma esteja em crise!),

principalmente devido às lutas e reivindicações dos movimentos feministas. Tal movimento de fluxo entre o público e o privado, abre espaço para o homem integrar a vida privado e tomar para si tarefas naturalizadas como femininas, como o cuidar dos filhos. Assim sendo,

O pai contemporâneo [...] não se identifica com o homem que definimos ser mero reprodutor, ou provedor econômico: ele se faz presente em contexto familiar estável, sob o ponto de vista da estrutura e da dinâmica do grupo familiar. Está sujeito e é movido pelas transformações sócio culturais. Dispõe-se a redefinir seu papel, a restabelecer seu lugar e a repensar modelos que lhe permitam viver a paternidade, senti-la e exteriorizá-la (GOMES E RESENDE, 2004, p. 122).

Neste sentido, a historiadora Mary Del Priore aponta para o surgimento de uma nova geração de pais, que não mais possuem como base de suas características e funções familiares a estrutura patriarcal, na qual a violência e a virilidade são tomadas como mantenedoras da ordem autoritária, ainda mais ao pensarmos que “o papel do pai, ao contrário, é tornar possível o encaminhamento da criança, desde sua realidade biológica de pequeno ser vivo, até a maturidade e sua integração social. De preferência com responsabilidade de afeto” (DEL PRIORE, 2013, p. 182). Portanto, “um direito que era negado ao homem, o de ser afetuoso e acompanhar o crescimento dos filhos (mesmo direito que era negado aos seus filhos, obrigados a verem no pai uma figura violenta ou ausente), agora não só é permitido como estimulado” (GOLDENBERG, 2000, p. 18).

Masculinities in focus: Fatherhood (de)construction from Rogério Pereira short stories

ABSTRACT: This article aim is the analyzes of the contemporary representations of the fatherhood in two generations of the same family, through masculinity theories (CONNELL, 1997; KIMMEL, 1998) in order to discuss the changes undergone in the male/father idea from certain social contexts and spaces. We'll use the short stories of Rogério Pereira “Cachorros sempre voltam”, “Tegucigalpa” e “Meu craque”.

Keywords: short story; fatherhood; masculinities.

ⁱ É importante ressaltar aqui que embora o papel como mediador do Estado seja indispensável ao legislar e fazer cumprir as leis em benefício das crianças, ainda em muitos sentidos segue reproduzindo estereótipos machistas, como por exemplo, desde 1988 a licença paternidade de apenas 5 dias após o nascimento do bebê, ou seja, segundo o Estado ainda é papel da mulher o cuidar e do pai o de prover, mesmo que ambos os pais trabalhem nas mesmas condições.

ⁱⁱ Sobre as funções relacionadas à escola dos filhos, além das crônicas aqui analisadas “Meu craque” e “Tegucigalpa”, apontamos também “Sabedoria oriental”, na qual o narrador participa dos diálogos intensos e rápidos sobre as expectativas dos filhos enquanto dirige com as crianças no branco traseiro do carro: “Deixo-os na escola. E sigo para o trabalho” (Pereira, 2014b: s.p.).

ⁱⁱⁱ Além da crônica “Cachorros sempre voltam” anteriormente analisada, destacamos as expressões de ódio em relação à figura paterna nos textos “À espera do pai”, “Chove em Frankfurt” (ambas de 2014) e “Leão-marinho encalhado” (2013).

^{iv} Conforme Pierre Bourdieu, o uso do termo “violência simbólica” não faz diminuir o papel da violência física ou esquecer as mulheres violentadas e muito menos desculpar os homens pelos atos. Sendo o campo das práticas sociais o espaço em que as hierarquias são determinadas, sua teoria propõe fazer ver “na teoria, a objetividade da experiência subjetiva das relações de dominação” (Bourdieu, 2002, p. 46).

^v O romance *O drible*, de Sérgio Rodrigues (Companhia das Letras, 2013), vencedor do 12º Prêmio Portugal Telecom de Literatura, é exemplo de literatura na qual o futebol surge não apenas como plano de fundo, mas também como evento influenciador da narrativa. Como resumido na orelha do livro, “desenganado pelos médicos, um cronista esportivo de oitenta anos, testemunha dos anos dourados do futebol brasileiro, tenta se reaproximar do filho com quem brigou há um quarto de século”, o futebol desponta como base para a formação de ambos os homens desta relação, significando muito mais do que um simples esporte.

Referências

BADINTER, Élisabeth. *XY: Sobre a identidade masculina*. Trad. Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CANDIDO, Antônio. A vida ao rés-do-chão. In: ANDRADE, C. *Para gostar de ler*. São Paulo: Ática, 1980, p. 4-13. v. 5.

CONNELL, R.W. La organización social de la masculinidad. In: VÁLDES, Teresa; OLAVAVARRÍA, José (orgs.). *Masculinidad/es: poder y crisis*. Isis international, Chile, 1997, p.31-48.

CORNEAU, GUY. *Pai ausente filho carente*. Trad. Lucia Jahn. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

_____. Paternidade e masculinidade. In: NOLASCO, Sócrates (org.). *A Desconstrução do Masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

DALBÉRIO, Osvaldo. A família e sua constituição social. In: JOSÉ FILHO, Mário; DALBÉRIO, Osvaldo (orgs.). *Família: conjuntura, organização e desenvolvimento*. Franca: Ed. Unesp/FHDSS, 2007.

DEL PRIORE, Mary. Pais de ontem – transformações da paternidade no século XIX. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (orgs.). *História dos homens no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2013 p. 153-184.

GOMES, Aguinaldo José da Silva; RESENDE, Vera da Rocha. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. In: *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Brasília, Mai-Ago 2004, Vol. 20 n. 2, p. 119-125.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. In: *Horizontes antropológicos*. no. 9, 1998.

MACHADO, Lia Zanotta. Masculinidades e violências: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea. In: SCHPUN, Mônica Raisa (Org.). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

MEDRADO, Benedito & LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. In: *Estudos feministas*. vol. 16. no. 3, 2008.

NOLASCO, Sócrates. Um “homem de verdade”. In: CALDAS, Dario (Org.). *Homens*. São Paulo: Senac, 1997.

PEREIRA, Rogério. À espera do pai. *Vida breve*, 14 de abril de 2014. Disponível em <<http://www.vidabreve.com/a-espera-do-pai/>>. Acesso em: 25 de janeiro de 2016.

_____. Cachorros sempre voltam. *Suplemento Pernambuco*, 25 de maio de 2015. Disponível em <<http://www.suplementopernambuco.com.br/edição-impressa/85-chronica/1421-cachorros-sempre-voltam.html>>. Acesso em: 26 de janeiro de 2016.

_____. Chove em Frankfurt. *Vida breve*, 21 de abril de 2014. Disponível em <<http://www.vidabreve.com/chove-em-frankfurt/>>. Acesso em 25: de janeiro de 2016.

_____. Do meio do mundo, o gol. *Vida breve*, 23 de junho de 2014. Disponível em <<http://www.vidabreve.com/do-meio-do-mundo-o-gol/>>. Acesso em: 25 de janeiro de 2016.

_____. *Na escuridão, amanhã*. São Paulo: Cosac Naify: 2013.

_____. Leão-marinho encalhado. *Rascunho*, maio de 2013. Disponível em <<http://rascunho.com.br/leao-marinho-encalhado/>>. Acesso em: 26 de janeiro de 2016.

_____. Meu craque. *Vida breve*, 16 de junho de 2014. Disponível em <<http://www.vidabreve.com/meu-craque/>>. Acesso em: 25 de janeiro de 2016.

_____. Sabedoria oriental. *Vida breve*, 26 de maio de 2014. Disponível em <<http://www.vidabreve.com/sabedoria-oriental/>>. Acesso em: 25 de janeiro de 2016.

_____. Tegucigalpa. *Vida breve*, 22 de setembro de 2014. Disponível em <<http://www.vidabreve.com/tegucigalpa/>>. Acesso em: 25 de janeiro de 2016.

RODRIGUES, Sérgio. *O drible*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: *Educação & Realidade*, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do Sul de Portugal. In: *Anuário Antropológico*, p. 161-189, 1996.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 2, jan. 2001.

Data de envio: 31 de maio de 2016.